



Champagnat está enfermo

Ir. Óscar Martín Vicario

Esta simples meditação nasceu da experiência que vivemos nos últimos meses. A situação de pandemia, a crise global, a multidão de pessoas enfermas e falecidas em todo o mundo... tem-nos forçados a nos ressituar e mudar a nossa visão.



Todos os dias recebemos notícias ou informações de pessoas que adoecem ou morrem, de conhecidos, amigos, parentes, irmãos do nosso Instituto que

estão infectados ... E isso provoca em nós, é assim que eu vivo, sentimentos intensos e nem sempre fáceis de controlar. Preocupamo-nos com a nossa própria saúde, a dos nossos irmãos e a dos entes queridos. Vivemos, cada um de uma forma, experiências de incerteza, medo, desorientação. E talvez tenhamos que nos ressituar diante da doença ou da fragilidade.

Pode também assaltar-nos, como aconteceu comigo, a vontade de ser mais ativos na ajuda às vítimas e aos que sofrem. O testemunho de dedicação de tantos trabalhadores da saúde, de tantos sacerdotes, religiosos e religiosas, de tantos Maristas no mundo, irmãos e leigos, é extremamente valioso, corajoso e desafiador. Será que eu estou muito cauteloso? Será que a melhor coisa a fazer seja agir assim, e cumprir as recomendações de saúde e preventivas? Ou talvez seja um momento de maior ousadia e compromisso com aqueles que mais precisam hoje?

Estou vivendo um pouco disso e, enquanto procuro desaprender algumas de minhas velhas seguranças e tento me reposicionar... uma questão e uma nova forma de abordar também me assaltavam há muito tempo: como enfrentar tudo isso a partir da minha vocação marista? Existe uma maneira “marista” de viver a crise? Como os primeiros Irmãos experimentaram esse aspecto de doenças e perdas? Como reagiram, especificamente, quando foi anunciado que o Padre Champagnat, fundador, pai, mentor, amigo, estava doente? E, por fim, como o próprio Marcelino vivenciou sua enfermidade?

Talvez esse olhar diferente nos ajude, ou pelo menos está me ajudando. Sempre me impressionou aquela cena tantas vezes contada de Champagnat doente, abatido na cama, sabendo do desânimo de seu povo, dos problemas da Congregação, ... e como Marcelino, apoiado no braço do Irmão Estanislau e tirando forças da fraqueza, com dificuldade ficou de pé e entrou na sala da comunidade.

Talvez os Irmãos não estivessem acostumados com o Champagnat sofredor, doente e frágil. Mas, talvez o ver naquele estado e, ainda assim, de pé, mudou algo na história e no futuro do nascente Instituto.

Nasceu assim este texto, com o desejo de me propor e nos propor: Por que não olhar para Marcelino Champagnat com esta perspectiva? Estamos habituados a olhar para as qualidades de Champag-

nat, a sua audácia, a sua coragem, o seu dinamismo... talvez seja um bom momento para ver também outra faceta do Fundador: a sua relação com a doença, com a debilidade, com a dor.

Tudo isso que escrevo é, portanto, um espaço para compartilhar minhas experiências neste momento e, mais do que um estudo em profundidade, quero que seja uma meditação. E um convite a deter o nosso olhar sobre o Champagnat fraco, doente, vulnerável, o que talvez não estejamos acostumados a contemplar.

Por isso encontro a chave para a leitura desta reflexão no Documento do nosso XXII Capítulo Geral, quando nos convida a “experimentar a nossa vulnerabilidade como um lugar de fertilidade e liberdade”¹. Essa é parte da reflexão que hoje propomos, buscando compreender como Marcelino viveu suas experiências de vulnerabilidade ou enfermidade.

Experimento e experimentamos, realmente, os momentos de crise, debilidade, fraqueza, como um momento fecundo? Esse sentimento aparece ou tem aparecido nos tempos atuais de pandemia, em doenças pessoais ou de pessoas próximas? Que frutos essa supostamente fecunda vulnerabilidade produz em mim?

Esta é uma reflexão que terá que continuar. Quantas pessoas, talvez nós mesmos ou alguém próximo a nós, experimentaram como uma doença grave, um acidente ou uma crise pessoal mudou suas vidas, o modo como se posicionam, a perspectiva de sua existência. Lembro-me, e ainda sinto com intensidade, como me afetaram e me mudaram de alguns aspectos a doença e a morte de minha mãe há alguns anos.

Porque, certamente, sentir-nos e aceitar-nos pequenos e necessitados é uma dimensão que, ao contrário do que possa parecer, nos questiona e, de alguma forma, também nos enriquece e nos torna mais conscientes e mais livres. Libera-nos de imagens e poses, de um falso poder, de garantias baseadas em nós mesmos. E, sobretudo, o perigo de viver autorreferencialmente e centrados em nós mesmos, como tantas vezes tem repetido o Papa Francisco².

Muitos estudos realmente rigorosos do ponto de vista histórico refletiram sobre as crises apostólicas, institucionais, políticas, eclesiais, existenciais que Champagnat viveu. Eles são, sem dúvida, outra fonte de conhecimento e outro olhar interessante sobre seu itinerário de vida e espiritual. Porque, como a vida ensina a cada um de nós, a presença do Deus misericordioso tende a se tornar mais eloquente e próxima quando estamos ou nos sentimos “vulneráveis e aflitos”³.

Por isso, neste momento, colocamos nosso foco especialmente na doença e na forma como Marcelino se relacionava com ela. E, pedagogicamente, proponho-me parar em três etapas: olhar para a sua relação com os doentes e seu cuidado preferencial; enfatizando especialmente sua atenção aos Irmãos em situação de doença; e, finalmente, contemplando o próprio Fundador doente e sofredor.

¹ Mensagem do XXII Capítulo Geral, área Irmãos.

² Francesc Torralba explica muito bem em seu “Diccionario Bergoglio”, Ed. San Pablo: “Diante da autorreferencialidade ou do hermetismo da consciência, o Papa Francisco reivindica sair de si mesmo, realizar o movimento, sempre incerto e de consequências desconhecidas, de sair, o que significa se abrir para o outro e estar disposto a recebê-lo”.

³ Água da Rocha, 57: “Todas as pessoas e acontecimentos da vida são oportunidades para nosso encontro com Deus misericordioso. Talvez sintamos Deus ainda mais perto de nós naqueles momentos em que nos sentimos mais vulneráveis e aflitos”.

1. Champagnat, “cuidador” dos enfermos

O sociólogo Alain Touraine dizia recentemente que a crise da pandemia e da Covid-19 irá trazer para nossa sociedade algumas mudanças interessantes, entre elas a descoberta da “sociedade dos cuidadores”⁴. Certamente, o cuidado como atitude vital, e em particular o cuidado com os enfermos são hoje um sinal interpelativo.

Olhar agora para o Padre Champagnat e seu particular cuidado com os enfermos, dá nova luz à esta meditação.

Certamente, esta não é uma atitude única e original de Champagnat. Entre as tarefas próprias dos sacerdotes de sua época (e de sempre), o cuidado com os pobres e enfermos foi e é uma atividade pastoral prioritária.

No caso de Marcelino, esta atenção e cuidado foram sem dúvida significativas ao longo de sua vida. Temos vários testemunhos de como, ainda seminarista, incluía em suas atividades de férias a visita e acompanhamento dos enfermos. “Organizava cuidadosamente sua vida espiritual durante aqueles períodos de descanso: oração, jejum, visita aos enfermos, catequese aos jovens”⁵.

Esta sensibilidade que já tinha desde jovem, e que também a vivia durante as diferentes etapas de sua formação,⁶ aumentou quando foi ordenado sacerdote e encarregado do cuidado pastoral em La Valla.

Mesmo que essa fosse uma tarefa habitual, os testemunhos que temos sobre Champagnat falam de que o zelo e delicadeza para com as crianças sem escola, os enfermos, os idosos em solidão ou os abandonados foram, em seu caso, excepcionais.

Esse cuidado se intensificaria durante a vida de Champagnat, inclusive, ao criar em L’Hermitage um espaço de acolhida e residência para idosos e para órfãos da região⁷. O coração ardente do Fundador era, sem dúvida, um coração compassivo e generoso, porque estava cheio do amor de Deus.

O Padre Champagnat, segundo relatos colhidos em sua biografia, “mostrou-se também sempre disposto e sempre pronto a substituí-lo para levar o santo Viático aos doentes dos povoados distantes, ou exercer outras funções difíceis do ministério sagrado”⁸.

Talvez, por isso, essa sensibilidade e atenção de nosso Fundador continuam para nós como um “jeito” marista de apostolado e de inserção nas realidades em que vivemos:

⁴ “E creio que entramos em um novo tipo de sociedade: uma sociedade de serviços, como diziam os economistas, porém, de serviços entre humanos. Esta crise empurrará para cima a categoria dos cuidadores” (Alain Touraine, entrevistado para o jornal El País, 29 março de 2020).

⁵ Em uma lista resoluções para as férias, lemos: “Havendo algum doente na vizinhança ou alguma pessoa necessitada de meus conselhos, usarei esse tempo para visitá-las” Se no povoado houver algum enfermo ou outra pessoa que necessite de meu conselho, aproveitarei para visitá-los” (p. 21). Seguimos a biografia do Ir. João Batista Furet: “Vida de José Bento Marcelino Champagnat” Edição do Bicentenário, formato digital: <http://old.champagnat.org/510.php?a=1a&id=2712>.

⁶ “Até as horas de lazer deixaram de ser tempo desperdiçado; passava-as em piedosas conversas com os colegas, praticando atos de caridade, como servir aos doentes, adornar os altares (Vida, p. 19).

⁷ Também nas escolas marista, desde o início, se acolhia alunos muito pobres. É muito interessante o estudo do Ir. André Lanfrey sobre pensionistas e forasteiros, em Cadernos Maristas, nº 36, p. 75 ss.

⁸ Vida, João Batista Furet, p. 36. “Quando se inteirava de que havia um doente, ia visitá-lo. Nada o arredava, nem o mal tempo, nem a chuva, nem a neve quando queria levar o consolo da religião a um enfermo”.

“Deus se revela através daqueles com quem nos encontramos.

As crianças e jovens, os idosos, os membros de nossas famílias e comunidades, os refugiados e prisioneiros, os enfermos e seus cuidadores, nossos companheiros de trabalho e vizinhos, todos eles são espelhos nos quais se reflete o Deus da vida e do amor”⁹.

Assim, podemos partilhar e inclusive recriar em nossos dias algo dessa espiritualidade de Marcelino, uma espiritualidade do coração compassivo, da sensibilidade para com as pessoas e seus problemas concretos; descobrir a presença de Deus em todas as circunstâncias, em todos os lugares, em todos os homens e, ainda de um modo mais eloquente, nas crianças e nos que sofrem.



Falamos, portanto, de uma espiritualidade encarnada, de uma espiritualidade verdadeiramente apostólica, de uma espiritualidade mariana que aprende com Maria essa atenção às necessidades de todos: saiu apressada para ajudar sua prima; intercedeu pelos noivos que não tinham mais vinho; manteve-se em pé junto à cruz onde o sofredor, nesse difícil momento, era o filho do seu coração.¹⁰

Não é do nosso carisma nem apostolado específico o cuidado para com os enfermos. Porém, faz parte de nossa sensibilidade e de nossa encarnação evangélica, sempre atenta a priorizar os pobres e os últimos.

Hoje, no apelo feito pelo Capítulo geral aos maristas de todo o mundo para que sejamos “o rosto e as mãos da terna misericórdia de Deus”¹¹, ressoa vivamente a paixão de Marcelino e seu compromisso concreto.

A famosa frase do Fundador: “Quantos passos dei nesses morros! Quantas camisas encharquei nesses caminhos! Acho que se reunisse neste vale todos os suores vertidos em minhas caminhadas, haveria água suficiente para tomar banho”, é entendida melhor quando sabemos quais foram as razões e a sensibilidade que subjazem em todo esse desvelo: “Mas, se muito suei, tenho a grata consolação de que, graças a Deus, nenhum doente morreu sem receber em tempo os socorros da religião. Isto é para mim uma das minhas maiores alegrias.”¹²

E não esqueçamos que foi provavelmente junto à cama de um jovem enfermo (ou de muitos meninos enfermos, sem recursos, sem escola e sem conhecimento de Deus), onde o sonho de Champagnat começou a vislumbrar novos horizontes.¹³

⁹ Água da Rocha, 55.

¹⁰ Lc 1,39; Jo 2,3; Jo 19, 25.

¹¹ Mensagem do XXII Capítulo geral

¹² Vida, João Batista Furet, p. 54.

¹³ Vida, João Batista Furet, p. 56. Este episódio, não obstante, foi relido e profundamente revisado em interessante estudo do Ir. André Lanfrey. Ver Cadernos Maristas nº 35, p. 27s s.



2. Atenção aos irmãos enfermos

Mesmo que seja em parte uma continuação da reflexão anterior, quero deter-me um momento mais nesta outra faceta: se Champagnat cuidava com afeto e generosidade de todos os enfermos, seus cuidados se tornavam especialmente delicados e paternais para com os irmãos.

O estilo e, inclusive, a “vocação” fraterna de Marcelino se manifestou de muitas maneiras ao longo de sua vida e podemos dizer que é parte de sua espiritualidade e carisma. Acreditou na vocação de “irmão”, compartilhou sua vida desde o início, cuidou amorosamente das comunidades, fez da fraternidade elemento distintivo da congregação dos Irmãozinhos de Maria.

Essa convicção e esse olhar atento se tornaram uma marca predominante na relação do Fundador com seus irmãos, relação esta que foi descrita pelos próprios irmãos ao dizerem: “uma mãe não tem mais ternura para com seus filhos do que ele tem por nós”, e definem seu caráter como “alegre e suave, porém, firme.”¹⁴

Quando nossos textos essenciais nos convidam para termos atitudes atentas e pacientes para com os enfermos, nos recordam algo que deveria ser conatural ao nosso nome. “Todos os irmãos, especialmente os Animadores de comunidade, mostrem-se bondosos e pacientes com os irmãos enfermos, visitando-os, animando-os e rezando com eles.”¹⁵. Esta é uma faceta que necessita ser reavivada e crescer sempre. Assim expressa vivamente um fragmento da biografia do Fundado:

Outra inquietação que comunicou ao Ir. Francisco era não ter visitado suficientemente os Irmãos doentes. Aqui novamente, a consciência timorata do bom Padre e seu terno amor aos

¹⁴ Testimonio do Ir. Lorenzo sobre Marcelino Champagnat: <http://old.champagnat.org/510.php?a=4a&cid=4213>

¹⁵ Estatuto 38.1.

Irmãos o induziam a inculpar-se imerecidamente. Os doentes sempre foram o alvo predileto de sua contínua solicitude. Nada negligenciava para levar-lhes o alívio possível. Construíra expressamente um pavimento para ter uma enfermaria confortável. Uma farmácia, montada a custo elevado, continha todos os medicamentos necessários, e diversos Irmãos, formados no serviço de enfermagem, lhes prodigalizavam cuidados solícitos e minuciosos. Quando Irmãos adoeciam num estabelecimento, chamava-os ou mandava buscá-los a fim de que recebessem melhor atendimento junto a ele.”¹⁶

Essa mesma preocupação e interesse constante de Champagnat estavam em momentos-chaves do nascer de nosso Instituto, como no atendimento ao jovem Montagne, como já foi dito, ou no episódio do “Lembraí-vos”, quando, perdido na neve em razão do desejo de visitar um irmão enfermo, inclusive, ultrapassando os limites da prudência.¹⁷

O cuidado com os enfermos é uma atitude enraizada em nossa própria humanidade e profundamente evangélica (inseparavelmente). Eu acrescentaria ainda mais: verdadeiramente mariana. Em sua última carta, o Papa Francisco elogiou, como já o fez em muitas ocasiões, o trabalho dos cuidadores nesses tempos de pandemia.¹⁸

3. Champagnat enfermo

“A espiritualidade da simplicidade te ajuda a aceitar tuas fortalezas e debilidades e a estar em paz contigo mesmo”.¹⁹ Este texto da Regra de Vida apresenta e explica muito bem a última parte da meditação, e no qual se concentra todo este escrito.

Olhemos agora para Champagnat frágil; contemplemos não só sua atitude para com os enfermos, mas também como viveu sua própria doença, recordemos como soube integrar suas forças, mas também suas fraquezas... E observemos, ao mesmo tempo, um homem também prostrado, convalescente, necessitado de ajuda, que provavelmente vivenciou algumas dúvidas, questionamentos e medos que vivemos hoje.

Quero rever três momentos da doença de Champagnat, que talvez possam ser especialmente eloquentes:

A. Marcelino e sua doença no seminário

Muitas foram as dificuldades de Marcelino no seminário e parece que só com determinação e perseverança conseguiu enfrentá-las e superá-las. No início foram as suas dificuldades nos

¹⁶ Vida, João Batista Furet, p. 218.

¹⁷ Vida, João Batista Furet, p. 321.

¹⁸ “Fomos capazes de reconhecer como as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns que, sem dúvida, escreveram os acontecimentos decisivos da nossa história compartilhada: médicos, enfermeiros e enfermeiras, farmacêuticos, empregados dos supermercados, pessoal de limpeza, cuidadores, transportadores, homens e mulheres que trabalham para fornecer serviços essenciais e de segurança, voluntários, sacerdotes, religiosas... compreenderam que ninguém se salva sozinho” (S.S. Francisco, Fratelli Tutti 54).

¹⁹ Regra de Vida, 26.

estudos, incluindo a sua expulsão após o primeiro ano do seminário menor, que mais tarde foi revogada. Depois, outros desafios viriam. E, entre eles, um que podemos destacar é que ele também esteve doente e foi obrigado a interromper os estudos no terceiro ano de teologia.

De acordo com sua biografia, “a vida dura e mortificada que levava, mais a constante aplicação ao estudo, arruinaram sua saúde”.²⁰ Isso, em um jovem forte que geralmente gozava de boa saúde, foi sem dúvida um grande revés. Não sabemos muito mais detalhes sobre o episódio, mas levanta a questão de como Marcelino viveria esse momento em plena juventude e que vestígios deixou em seu caráter e em sua própria sensibilidade para com a doença e os enfermos.

B. A grave doença de 1825

Marcelino adoeceu no Natal de 1825. Foi um período de expansão, de abertura de escolas e comunidades, de intenso cansaço depois de ter construído a nova casa de l’Hermitage. Talvez o esforço e o trabalho tenham afetado a sua saúde. Mas podemos imaginar como isso deve ter sido difícil para Marcelino, então com 36 anos e em pleno desenvolvimento de sua Congregação.

E foi uma doença grave porque, segundo o relato biográfico do Ir. Seán Sammon, nos diz que “dentro de uma semana ele estava à beira da morte”. À preocupação com a doença, acrescenta-se a preocupação com a fragilidade do seu trabalho nascente e as dívidas: “Alguns credores de Marcelino, alarmados com a notícia da sua doença, exigiram o pagamento de seus valores imediatamente. Tanto que o Fundador, preparando-se para o pior, redigiu seu testamento em 6 de janeiro de 1826”.

A boa gestão do Irmão Estanislau, o cuidado, o descanso e a atenção médica surtiram efeito: “Marcelino saiu da doença, embora as consequências o acompanhariam por toda a vida. Em fevereiro de 1826, ele estava pronto para retornar às suas funções”.²¹

No entanto, além de superar a doença, há outra lição importante da grave doença de Marcelino que sempre me impressionou. E nestes tempos de pandemia, de medo e de incerteza, considero especialmente provocador: quero voltar à cena a que aludi no início, na qual Champagnat, sabendo das perdas da comunidade e do desânimo dos Irmãos, foi capaz de se levantar da cama (talvez de braço dado com o próprio Irmão Estanislau) e estar presente entre os seus filhos queridos.

Como Champagnat conseguiu energia necessária para fazer isso? Quanto ele amava seus irmãos para se colocar de pé, superando as fraquezas e correr em seu auxílio? E, sobretudo, como não me sentir e nos sentir interpelados pela atitude de um doente que se “descentrou” de si mesmo, colocou os outros na frente e vem apoiar os fracos a partir da sua própria fragilidade?

Tenho meditado muito nessa cena e, embora não tenhamos detalhes sobre ela, ainda me provoca ternura e entusiasmo. E isso decorre do fato de que é precisamente nela que se contempla Champagnat doente e vulnerável, porém, nem por isso, derrotado ou resignado.

²⁰ Vida, João Batista Furet, p. 25.

²¹ Todas essas citações extraímo-las da biografia “Um coração sem fronteiras”, do Ir. Seán Sammon, p. 64 e 65.



Quantas vezes me lembro disso, quando se reza o hino: “Para que, quando vier a dor, que eu sei que virá, não se obscureça o meu amor, nem minha paz será nublada”.²² A oração é bela, mas, acima de tudo, é um gesto interpelador diante da tentação do medo ou do egoísmo. E também peço ao Senhor que, como o fez Champagnat, meu amor não seja obscurecido pela dor e se mantenha firme.

Daí nascem, é claro, alegria, conforto e vida nova. O Irmão Furet relata que a reação que eles tiveram “quando o Padre Champagnat reapareceu pela primeira vez na comunidade, permite-nos avaliar a estima e o afeto que os irmãos lhe votavam, o prazer e a felicidade pelo seu restabelecimento.”²³

²² Poema de Cristina de Arteaga, poeta e monja, falecida em 1984.

²³ Vida, João Batista Furet, p. 134.



C. A última doença de Marcelino

Embora certamente tenha havido outros momentos de debilidade física, à doença do seminário e ao grave episódio de 1825 acrescento uma breve olhada sobre a última enfermidade de Champagnat.

Parece que desde a doença de 1825 ele teve alguns problemas de saúde e dores, principalmente nas laterais do tronco. E depois vieram as dores no estômago e os vômitos. Tanto é verdade que seu biógrafo sugere claramente que, desde seu retorno de Paris em 1838, era perceptível que seu fim se aproximava rapidamente.

O inverno de 1839-40 foi especialmente doloroso e o Fundador continuou a piorar.²⁴ O mês de maio foi de extrema gravidade: já não podia celebrar a missa, despediu-se dos irmãos e viveu prostrado e debilitado até à morte, na manhã do sábado, 6 de junho de 1840.

Muitas vezes me perguntei sobre esses meses de sua vida. Como alguém tão ativo e enérgico experimentaria a prostração contínua de dezembro de 1839 a junho de 1840? Porque, embora a doença de 1825 tivesse sido grave, sua convalescença mal durou um mês; mas agora é um longo processo de prostração, de piora progressiva e de crescente consciência de que o fim estava próximo.

²⁴ Vida, João Batista Furet, p. 210: “Sofreu muito durante todo o inverno. Tomava apenas alguns caldos, um pouco de leite e outros alimentos bem leves. (...) Apesar dos sofrimentos, não se eximiu de seguir o regulamento da casa.”

Acho que em alguns momentos, e mais nas circunstâncias atuais, muitos de nós refletimos em ajudar os enfermos e cuidar deles (como Champagnat o fez tanto e tão bem). Complementa-se a atitude também humana e evangélica de “deixar-se cuidar”. E, certamente (reconheço em mim, mas também vi em muitos Irmãos), não estamos muito acostumados a ser cuidados, a nos mostrar vulneráveis e a nos deixar cuidar e ser ajudado.

Como Pedro, talvez sejamos daqueles que preferem lavar os pés a deixar-nos lavar... E me pergunto como Marcelino lidaria com todos esses meses de fraqueza crescente e cada vez mais necessitado de ajuda. Ao mesmo tempo, imaginar Marcelino assim, oferece-me uma nova perspectiva do que foi este homem, a partir da sua profunda humanidade e entranhada fé.

Cinco ou seis meses de fragilidade, doença e medo é tempo suficiente para exigir um processo de aceitação. Todos nós conhecemos pessoas que lidam com a doença de maneira diferente, sofredoras ou resignadas, reclamando ou corajosas, deprimidas ou heroicas. E não deixa de ser interessante me perguntar: como vou assumir isso?

Os tempos de pandemia, nada fáceis, me trouxeram essa pergunta de modo recorrente. Muitos repetem o princípio de que uma pessoa morre como viveu. Mas temo que seja uma fórmula nem sempre válida ou não totalmente credível. Tenho acompanhado na minha vida muitos Irmãos enfermos, e até moribundos, e tenho vivido de perto a piora progressiva, a perda de forças ou mesmo a demência gradual de alguns. E cada um é diferente diante disso. E pouco ou nada me atrevo a dizer, pois tenho muitas dúvidas de como eu mesmo assumiria momentos como esses.

O que me ajuda contemplar Champagnat sofredor? Ajuda-me a me perguntar para que vivo agora (em vez do futuro hipotético). Provoca-me questionar como vivo minhas pequenas ou grandes fragilidades ou perdas cotidianas. Interpela-me sobre minha tolerância ao sofrimento e à frustração. E também sobre minha leitura de fé do que sou e do que faço.

Por falar em vulnerabilidade e ser ajudados, nosso documento Água da Rocha diz algo bonito: “Procuramos conhecer nossas virtudes e fraquezas e humildemente aceitamos ajuda. Vivemos, cada dia, num crescendo de paz com a pessoa que somos e que Deus criou”.²⁵

Que a contemplação de Champagnat doente me ajude e nos ajude a viver com intensidade e sentido o presente. E a caminhar, crescer e abrir o coração a Deus, como só o sabe fazer quem se sente fraco, pobre, doente ou necessitado.

Assim como se acercavam de Jesus os paralíticos, os cegos, os leprosos, os pais ou mães de tantos sofredores... gostaria de saber me aproximar de Jesus com o que sou e dizer, com Bartimeu: “Senhor, que eu veja”. Que eu compreenda. Que aceite. Que ame.

Mesmo, talvez, se paro para olhar Jesus nos olhos, ou se escuto o Deus que mora no meu coração, sou tomado pela mesma surpresa que me causou esta maneira de olhar Champagnat doente, humano e frágil. E vou encontrar um Deus não tão poderoso nem solucionador. Em vez disso, haverá o Deus oni-débil, todo-fragilidade, humano, encarnado. Um Deus doente?

²⁵ Água da Rocha, 36 / Regra de vida, 26.

